

GESTOS PARA QUAL PÓS-APOCALIPSE?

STEFANY SOHN STETTLER*

Nós, da filosofia, gostamos de argumentar que a ciência não é neutra. Sendo feita por humanos, ela também carrega os vieses dos indivíduos que a constroem. Essa é uma construção que opera através de Michel Foucault (2019) e Georges Canguilhem (2009), para desembocar em Donna Haraway, filósofa estadunidense contemporânea, e em Isabelle Stengers, filósofa e historiadora belga. Em *Saberes Localizados* (1995), a partir da perspectiva feminista, Haraway questiona o conceito de objetividade na ciência, situando-se entre duas perspectivas: um construcionismo social, no qual a ciência é uma retórica; e uma forma feminista de encarar a objetividade. Sobre o construcionismo social, a autora escreve:

Mas tenham elas ou não a estrutura e as propriedades de objetos retóricos, as entidades científicas do final do século vinte – vetores de infecção (micróbios), partículas elementares (quarks) e códigos biomoleculares (genes) – não são objetos românticos ou modernistas, com leis internas de coerência. Elas são traços momentâneos focalizados por campos de força, ou são vetores de informação numa semiose mal corporificada e altamente fugaz, ordenada por atos de reconhecimento e de mau conhecimento (Haraway, 1995, p. 11-12).

Em *Reativar o animismo* (2017, p. 01), Stengers estabelece uma diferença entre aqueles que “adoram dividir e classificar” e aqueles que constroem pontes. Como filósofa, ela se situa ao lado daqueles que dividem e classificam, mas acredita que ainda há muito a ser feito *deste* lado, no sentido de construir pontes. A ciência, segundo a autora, é a linha de frente desse pensamento, na qual nem filósofos e nem teólogos estão permitidos de entrar.

Mas o que sabemos é que quem não é um cientista autorizado não pode intervir nessas questões, assim como um mero mortal não teria como intervir nas disputas dos deuses olímpicos. Nem filósofos nem teólogos têm voz nesse âmbito, ainda que aqueles descendam da razão grega [...]. Isso porque nem sequer falamos das senhoras idosas que juram que seus gatos as entendem. Os cientistas podem discordar quanto ao modo de estarmos errados, mas concordam que estamos errados. A narrativa épica aqui em jogo não diz mais respeito à “ascensão do homem”, mas sim à ascensão do cientista (STENGERS, 2017, p. 03).

Não se trata de negacionismo, como alguns podem acusar. Não se trata também de uma batalha maniqueísta entre objetividade x subjetividade. Trata-se sobretudo de perceber que as formas como os dados são coletados e interpretados estão sujeitas à atuação e ao viés humano. Sabemos que essa disputa entre a filosofia e a ciência é de longa data.

Anna Tsing (2015, p. 184) escreve que o “excepcionalismo humano nos cega”. Danowski & Viveiros de Castro (2017, p. 17, grifo original) afirmam que “o excepcionalismo humano é um autêntico ‘estado de exceção ontológico’”. A ciência, para Tsing, é uma sucessora das religiões monoteístas que perpetuavam as histórias sobre a superioridade humana que, por sua vez, produzem questões sobre o controle e impacto do homem sobre a natureza no lugar de fornecer questões relacionadas à interdependência de espécies.

Uma das muitas limitações dessa herança é que ela nos fez imaginar as práticas de ser uma espécie (humana) como se fossem mantidas autonomamente e, assim, constantes na cultura e na história. A ideia de natureza humana foi apropriada por ideólogos conservadores e por sociobiólogos que se utilizam de pressupostos da constância e autonomia humanas para endossar as ideologias mais autocráticas e militaristas. E se imaginássemos uma natureza humana que se transformou historicamente com variadas teias de dependência entre espécies? A natureza humana é uma relação entre espécies. Longe de desafiar a genética, um recorte interespecífico para nossa espécie abre possibilidades de linhas de pesquisa tanto biológicas quanto culturais. É preciso entender mais, por exemplo, sobre as variadas teias de domesticação nas quais nós humanos nos enredamos (TSING, 2015, p. 184).

Stengers (2017) constata uma diferença entre a Ciência com “c” maiúsculo – responsável por traduzir tudo em conhecimento racional e objetivo e por atribuir julgamento a outros povos e a nossa relação com nós mesmos –, e as realizações científicas, que exigem que o pensamento seja voltado à “aventura das ciências”, no plural e com “c” minúsculo. Essas realizações criam situações que permitem aos cientistas colocar em xeque as questões feitas por eles, separando as perguntas relevantes daquelas que foram impostas de forma unilateral. Esta perspectiva, por um lado, afasta a racionalidade hegemônica da Ciência -- com “c” maiúsculo --, produto de um processo de colonização do pensamento, voltada à conquista do mundo. Por outro lado, se aproxima das realizações científicas, nas quais os objetos de estudos são “parceiros” que ajudam a gerar novas questões ao testar a relevância das perguntas direcionadas a eles.

Quando eu concebi o título deste ensaio, me questionaram se o termo “gestos” era apropriado para as Ciências da Natureza. Ora, em princípio pode não parecer, mas, se tomarmos essa pequena introdução como algo dotado de sentido, ou seja, considerando que a ciência não é objetiva ou neutra, o termo “gestos” faz todo o sentido. São gestos que decidem para onde olhar, como olhar e quando olhar. São os gestos que determinam os rumos da produção científica. E saber disso, carregar os próprios vieses com consciência e intencionalidade, ajudará a construir a melhor ciência possível.

O que isso tem a ver com o pós-apocalipse? Essa ciência que se pretende absoluta, racional e objetiva é significativamente responsável pela ruptura entre a espécie humana e o *resto*: outras espécies, outros ecossistemas. Essa ruptura não é só produtora de diferença, mas de hierarquização e, assim, todas as características que pudessem comprovar a superioridade do homem foram listadas: Para Platão e Descartes, a alma; para Aristóteles, a política e a linguagem; para Marx, o trabalho e a modificação do meio por meio dele. A comunicação, a postura ereta, a falta de pelos ou penas ou escamas, polegares opositores, a capacidade de dominar o fogo, a capacidade de desenvolver cultura, etc. Nada disso, sobretudo a linguagem, foi capaz de nos tornar seres cooperativos como as formigas, as abelhas, os pássaros e os peixes. Nos comunicamos, mas é a racionalidade individual que nos define, assim como o *homo economicus* de John Stuart Mill.

Quando a COVID-19 se alastrou pelo mundo, todos foram obrigados a entrar em contato com uma nova realidade. Coube aos filósofos percorrer as possibilidades de novas realidades que se desenhavam a partir das alterações às quais precisávamos nos submeter. Assim, começamos a projetar o que seria da humanidade após a crise. Bruno Latour (2020a) escreveu que considerava “indecoroso”, mas essencial, esse gesto. É também em homenagem a ele, que faleceu em outubro de 2022, que utilizo o termo “gestos”. Latour, como falei, considerava

necessária essa projeção imaginária para o cenário pós-crise na tentativa de evitar que a “retomada da economia” não trouxesse “de volta o mesmo velho regime climático que temos tentado combater, até hoje em vão” (2020a, não paginado).

Esse velho regime climático, combatido por Latour, é o que nós nos habituamos a conceituar como Antropoceno. Até onde sei, esse termo não é pacífico nas ciências – tive um ex-namorado da Geografia que esbravejava toda vez que eu citava o Antropoceno –, mas é bom que não o seja. Unânime ou não, é um conceito útil para pensar a intervenção humana na paisagem, nos ecossistemas e nos bioprocessos terrestres. É também frutífero pensar qual, se de fato estamos em outra época geológica, seria o ponto inicial, o *Golden Spike* do Antropoceno. Bruno Latour (2020b) gostava de pensar que esse ponto inicial seria a queda brusca de CO₂ perto do ano de 1610 apontada no Law Dome Ice Core, isso porque esse ponto marcaria também o encontro do Velho e do Novo Mundo, que, por sua vez, deu início aos grandes mercados globais, ao capitalismo e ao seu sintoma infame que chamamos hoje de globalização. Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro escrevem sobre isso em seu livro *Há mundo por vir?* (2017, p. 142):

Poderíamos assim chamar de Primeira Grande Extinção Moderna esse evento americano, quando o Novo Mundo foi atingido pelo Velho como se por um planeta gigantesco, que propomos chamar Mercadoria, por analogia com o planeta Melancolia de L.[ars] von Trier. Em matéria de concursos de apocalipse, é certo que o genocídio americano dos séculos XVI e XVII – a maior catástrofe demográfica da história até o presente, com a possível exceção da Peste Negra – causado pelo choque com o planeta Mercadoria sempre terá um lugar garantido entre os primeiros colocados, pelo menos no que concerne à espécie humana, e mesmo se consideramos as grandiosas possibilidades futuras de uma guerra nuclear ou do megaquecimento global.

Trago a COVID-19, o Antropoceno e o processo de colonização para pensarmos melhor, antes de abordar o “pós”, o que seria um apocalipse nos dias de hoje. A COVID-19 nos mostrou que no mundo globalizado, inserido nesse processo que Latour (2020c) chamou de globalização-menos, no sentido de menos diversidade, e Milton Santos, geógrafo brasileiro chamou de globalitarismo – fundindo as palavras “globalização” e “totalitarismo” –, qualquer doença contagiosa tem potencial para tornar-se pandemia em pouquíssimo tempo. Além da COVID-19, como exemplo mais recente, mas não único no plano da realidade, vemos, no plano da ficção, em filmes como *World War Z*, de 2013, e na aclamada, recém-lançada e esplendorosa série *The Last of Us* (2023) os grandes poderes de disseminação nessa globalização.

Em *World War Z* (2013), Gerry, um ex-funcionário da ONU, interpretado por Brad Pitt, é convocado para uma missão no território ocupado da Palestina para descobrir qual seria a origem da mutação do vírus que causa a pandemia zumbi e que se espalha em proporções geométricas ao redor do mundo. No final, a cura para o contágio zumbi é desenvolvida a partir de outra doença, seguindo uma teoria do próprio Gerry. Em *The Last of Us* (2023), segundo a explicação apresentada por Joel, personagem de Pedro Pascal, no episódio de número 03 intitulado *Long, Long Time*, uma mutação do fungo *Ophiocordyceps* infectou a farinha de trigo ou o açúcar, que foi distribuída ao longo de, ao menos, todos os Estados Unidos. Kyle Bishop (2006) afirma que o apocalipse destruiria a infraestrutura societária, sobretudo os sistemas do governo e da tecnologia. Mas o fungo de *The Last of Us* (2023), transmitido inicialmente pela comida e, a partir disso, pelo contato, logo fez com que o Estado agisse de forma autoritária em nome da própria manutenção, instaurando uma ditadura nos moldes distópicos que conhecemos da ficção.

No cenário pós-apocalíptico de *Land of the Dead*, lançado em 2005, os zumbis também não foram eficientes em destruir as diferenças nem a luta de classes. Pelo contrário, os zumbis foram incorporados à hierarquia de classes, representando uma “sub-subalternidade”. O mesmo conjunto de estruturas de raça, classe e capital foram reformadas de maneira mais marcada e explícita (BOHMAN, 2014). Por isso, ainda justificando meu título, devemos pensar qual pós-apocalipse queremos.

“It matters what ideas we use to think other ideas”, escreve Donna Haraway (2016, p. 34). Importa quais ideias usamos para pensar outras ideias. Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro escrevem em *Há mundo por vir?* (2017, p. 40) que “o Antropoceno é o Apocalipse, em ambos os sentidos, etimológico e escatológico”. A palavra “apocalipse”, derivada do grego *apokálypsis* (ἀποκάλυψις), significa, segundo o dicionário de Liddell & Scott (1996, p. 201), um ato de “descobrir, revelar, desvelar”. Na Bíblia cristã, o termo adquire outro significado, baseado no presságio narrado na obra: o de “fim de mundo”, derivado por metonímia. Nesse sentido, opto por explorar o sentido etimológico do Apocalipse. O que ele nos revelaria? O que faríamos com essas informações? Como reconstruiríamos aquilo que queremos reconstruir, não só o mesmo mundo ao qual estamos acostumados, mas um inteiramente novo? Como seria – emprestando a formulação de Giorgio Agamben (2006) – se não houvesse nem mundo nem humanos, sem que com isso deixássemos de ser ecossistema e espécie? Um apocalipse, de fato.

“Nossa tarefa”, escreve Haraway (2016, p. 01), “é criar problemas, incitar uma resposta potente a eventos devastadores”. É isso que faremos, ou iniciaremos, nesse evento. É por meio da chamada *SF*, que pode significar *science fiction*, *speculative fabulation*, *string figures*, *speculative feminism*, *science fact*, enfim... do *devir-com*, *nos-tornarmos-com*, que caminham juntamente com a simpoiese de Beth Dempster (2000), a simbiose e a simbiogênese de Lynn Margulis (1999) e a contaminação de Anna Tsing (2022), que podemos pensar em reconstrução no pós-apocalipse.

Para Margulis (1999), simbiose é o processo no qual membros de espécies diferentes vivem em contato físico e se beneficiam mutuamente dessa parceria. Nas florestas, há trezentas espécies de fungos micorrízicos – isso conforme as descobertas científicas da época na qual o livro foi escrito –, por exemplo, que estão entrelaçados com as raízes de árvores como o bordo, o carvalho e a noqueira-pecã. Nos humanos, Margulis exemplifica nos lembrando de que nossa pele e intestinos estão povoados de bactérias simbiotes. “Nós somos simbiotes em um planeta simbiótico, e se quisermos, podemos encontrar simbiose em qualquer lugar” (MARGULIS, 1999, p. 07, tradução nossa).

Simbiogênese, segundo a cientista e filósofa, se refere à origem de novos organismos, órgãos e tecidos a partir de uma simbiose de longa data. A simbiogênese provoca reuniões inesperadas entre indivíduos improváveis, formando outros mais complexos que geram novas populações em níveis mais inclusivos de integração. Nesse sentido, a complexidade das espécies pôde evoluir desde o surgimento da vida no planeta.

Beth Dempster propôs, no seu trabalho *Sympoietic and Autopoietic Systems: a New Distinction for Self-Organizing Systems* (2000), o termo *simpoiese*, em contraste com os sistemas autopoieticos oferecidos por Maturana & Varela (1980).

Eu proponho a conceituação de sistemas sem fronteiras e construí o termo *simpoiese*, das palavras gregas para coletivo e produção, para descrever tais sistemas. Em contraste com os sistemas autopoiéticos, eles são caracterizados por qualidades cooperativas e amorfas. Os sistemas simpoiéticos produzem recorrentemente um padrão autossimilar de relações por meio de interações complexas contínuas entre seus muitos componentes diferentes. Em vez de delinear limites, as interações entre os componentes e as capacidades de auto-organização de um sistema são reconhecidas como as qualidades definidoras. A "sistemidade" não depende da produção de fronteiras, mas das contínuas relações complexas e dinâmicas entre componentes e outras influências. O conceito enfatiza ligações, feedback, cooperação e comportamento sinérgico ao invés de limites (DEMPSTER, 2000, p. 04).

Anna Tsing, por sua vez, prefere o termo *contaminação*, conforme escreve no segundo capítulo de *O cogumelo no fim do mundo: sobre as possibilidades de vida nas ruínas do capitalismo* (2022). Para ela, um encontro se transforma em *acontecimento*, ou seja, em algo maior do que a soma das partes quando há contaminação. A transformação, porém, depende do espaço que abrimos para os *outros*. "Ao mesmo tempo em que a contaminação transforma projetos de criação de mundos, outros mundos compartilhados – e novas direções – podem surgir" (TSING, 2022, p. 73).

Nesse capítulo, a autora também questiona o conceito de sobrevivência. Essa *sobrevivência*, para os países ocidentais, do Norte Global, colonialistas ou imperialistas – vocês podem escolher o termo que preferirem –, significa salvar a própria vida, defendendo-se dos *outros*, bem como significa um sinônimo para conquista e expansão.

É só nos lembrarmos de iniciativas de bilionários como Jeff Bezos e sua *Blue Origin* e Elon Musk, com o seu *SpaceX*. O projeto de colonização dos outros planetas significa o abandono deste, que já não serve mais pois todos os seus *recursos* – por falta de termo melhor – já foram explorados. Essas iniciativas, que se encaixam no conceito popular de "sobrevivência", funcionam igualmente para salvar a *própria* vida – uma noção individualista e egoísta –, conquistar, expandir e, sobretudo, defender-se dos *outros*.

Quem são esses *outros*? Aqueles que não são homens. "Guardemos a forma masculina", escrevem Danowski & Viveiros de Castro (2017, p. 47). As mulheres, as crianças, os animais, os vegetais, os fungos, as algas, os protozoários, as bactérias, os vírus, a terra, a pedra, a água, os raios solares...

[...] a legião incontável de animais confinados e torturados em campos de extermínio para a extração de proteína, as poderosas fábricas de metano instaladas nos estômagos dos bilhões de ruminantes "criados" pelo agronegócio, [...] o Mar de Aral que virou deserto, [...] a saturação dos solos agrícolas pelos pesticidas da Bayer e da BASF (duas das honoráveis sucessoras da IG Farben, cuja história não é preciso lembrar aqui), [...] o insubstituível povo das abelhas em risco de desaparecer devido a uma sinergia de fatores de origem antrópica, [...] o *permafrost* que derrete, [...] enfim, esses inumeráveis agentes, agências, atores, actantes, ações, fenômenos ou como mais se os queira chamar [...] podem mudar de campo (de efeito e de função) das maneiras mais inesperadas – e se articulam com diferentes povos, coletivos e organizações de indivíduos da espécie *Homo sapiens*, os quais se opõem entre si na medida mesma das alianças que mantêm com tal multidão de não-humanos, isto é, dos interesses vitais que os ligam a eles (DANOWSKI & VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 138-139).

Enfim, tenho certeza de que vocês acrescentariam itens a essa lista. Todos – *todes* – são usados de forma utilitarista pelo homem. Mas eu escuto os protestos e confirmo: sim, *nem todo homem*. Falo especificamente daqueles dotados de poder institucional, poder econômico e que têm agido irresponsavelmente, apesar de se autoconcederem essa racionalidade objetiva e inabalável.

Latour (2020c) os chama de *elites obscurantistas*, essas que, “uma vez diante da ameaça”, escolhem fugir e não enfrentá-la. Essa ameaça se configura na possível *cooperação* entre todos aqueles *outros* que listei.

Se desde os anos 1980 ou 1990 as elites, percebendo que a festa tinha acabado, viram que era preciso construir o mais rápido possível *comunidades muradas* para não ter de partilhar mais nada com as massas – e sobretudo com as massas “de cor” que logo avançaram por todo o planeta, uma vez que seriam expulsas de suas próprias casas –, é de se imaginar que os deixados para trás tenham igualmente percebido que, se a globalização estava a deus-dará, então eles também precisariam de muros de proteção (LATOUR, 2020c, p. 30).

Em *Land of the Dead* (2005), fica evidente que as elites obscurantistas construíram suas próprias comunidades muradas para não partilhar suas riquezas com as massas. Mas, em *Blood Quantum* (2018), os nativos norte-americanos são imunes à mutação zumbi e transformam sua reserva em território fortificado – comunidades muradas. Os sobreviventes brancos precisam de anuência dos nativos para serem resgatados. Isso promove uma inversão de poder na dinâmica do pós-apocalipse, na qual os nativos decidem o destino dos brancos que, nesse exemplo, se tornam os *outros*.

Mas nós, os de fato *outros*, para Latour (2020c, p. 33), fomos traídos pelas elites, que abandonaram o sonho da modernização do planeta “com todo mundo” e, por sua vez, souberam, “antes de qualquer um”, que tal mundo modernizado era impossível “precisamente por falta de planeta vasto o suficiente para estender a todos seus sonhos de crescimento”. Para fugir ou se proteger, no entanto, as elites tiveram que “obliterar secretamente todo o conhecimento científico sobre a ameaça” (LATOUR, 2020c, p. 31). E aqui, sim, falamos sobre negacionismo.

Resta a nós, os *outros*, que jamais teremos sequer a possibilidade de *colonizar outro planeta*, nos aterramos a este e quem sabe, tornamos este planeta – o do capitalismo, da colonização, da exploração e da expropriação – em *outro* também. O que precisamos é não *outrificar* além do que já fomos. “Manter-se vivo – para todas as espécies – requer colaborações viáveis”, escreve Anna Tsing (2022, p. 73).

Se a sobrevivência sempre envolve alteridade, ela também está necessariamente sujeita à indeterminação das transformações de si e dos outros. Colaborações nos transformam, seja no interior de nossa espécie ou entre espécies distintas. Tudo o que é importante para a vida no planeta Terra acontece nessas transformações e não nos diagramas de decisão de indivíduos autônomos. Ao invés de atentar somente para as estratégias de expansão-e-conquista de indivíduos implacáveis, precisamos buscar as histórias que se desenvolvem por meio da contaminação. Como pode um encontro, então, transformar-se em “acontecimento”? (TSING, 2022, p. 75).

Acho que neste ponto já ficou claro que eu defendo que paremos de nos dividir, de nos categorizar, de nos hierarquizar e que façamos pontes sem retroceder, como sugere Stengers (2017): sem nos livrarmos do conhecimento que adquirimos, por bem ou por mal. Que olhemos nossos objetos como coautores, parceiros de trabalho, e que deixemos que eles façam as perguntas que interessam. E como ficam os zumbis nesse pós-apocalipse que nos propomos a imaginar juntos? Serão eles o *nosso outro*? É possível construir pontes com um ser incapaz de reconhecimento?

Eu gosto de trabalhar com duas definições de zumbis que, sobrepostas, abrangem quase a totalidade da representação cinematográfica dos mortos-vivos. Uma é a de Comentale & Jaffe (2014, p. 45-46, tradução nossa):

Algo pode ser zumbi, se (1) for chamado de zumbi (ou alguma palavra equivalente; por exemplo, coisa, caminhante, vagabundo, geek, mordedor, trepadeira, deadlite, infectado, skel, draugr, crazie, zed, zeke, zack, imbecil, a-hole, z-hole, etc.; (2) parece um cadáver animado; tem um corpo abjeto/repulsivo; parece na verdade composto por um cadáver ou alguém que agora está morto; (3) ataca os vivos ("canibalismo"); ataques por morder, arranhar e agarrar ("infecção"); (4) é implacável, hostil aos vivos; (5) exhibe insensatez, fraqueza mental, automatismo; (6) estrutura-se por hordas, enxames, aglomerações; e (7) pode ser morto com impunidade moral; vai matar e "morrer" por meios ultraviolentos.

E a definição de Boom (2011, p. 8, tradução nossa, grifo original), que define os possíveis padrões de zumbis cinematográficos:

Os nove tipos, brevemente definidos, são os seguintes: (1) *zombie drone*: uma pessoa cuja vontade lhe foi tirada, resultando em obediência servil; (2) *zombie ghoul*: fusão do zumbi e do ghoul, que perdeu a vontade e se alimenta de carne; (3) *tech zombie*: pessoas que perderam a vontade pelo uso de algum dispositivo tecnológico; (4) *bio zombie*: semelhante aos zumbis tecnológicos, exceto que algum elemento biológico, natural ou químico é o meio que rouba a vontade das pessoas; (5) *zombie channel*: uma pessoa que ressuscitou e alguma outra entidade possuiu sua forma; (6) *psychological zombie*: pessoa que perdeu a vontade em decorrência de algum condicionamento psicológico; (7) *cultural zombie*: em geral, refere-se ao tipo de zumbi que localizamos dentro da cultura popular; (8) *zombie ghost*: não realmente um zumbi, mas alguém que retornou dos mortos com todas ou a maioria de suas faculdades mentais intactas; (9) *zombie ruse*: truque comum em romances para jovens adultos, onde o "zumbi" acaba não sendo zumbi.

Jeffrey Cohen (2012) afirma que zumbis não necessitam de abrigo ou construções e existem em um estado de inexistência de cultura. Eles estão separados do mundo, mais do que nós, embora o compartilhamento deste mundo seja inevitável. No entanto, esses zumbis nunca – ou quase nunca – se libertam do antropomorfismo. O apocalipse zumbi raramente ocorre por mutações naturais e, quando isso ocorre, é porque a natureza sofreu alterações antropogênicas. O zumbi é terrivelmente humano. Ao mesmo tempo que força a inevitável imagem da morte para uma sociedade que não mede esforços em escondê-la, ele é gerado pela mesma morte que produzimos em escala global. Terrivelmente humano. O apocalipse zumbi, mais do que todos os outros apocalipses possíveis, nos revela o quão longe fomos na fantasia da racionalidade e objetividade. O apocalipse zumbi é a pedrinha solitária que rola abismo abaixo cujo som do encontro com o solo não podemos ouvir.

Mas um antropocentrismo às avessas ainda é um antropocentrismo, talvez mesmo o único antropocentrismo realmente radical, assim como os europeus queimadores de ídolos eram os únicos fetichistas na grotesca comédia de erros colonialistas, ao acreditarem na irrealidade dos fetiches do mesmo modo como acreditavam – irrealisticamente – que os “selvagens” acreditavam na realidade transcendente dos mesmos (DANOWSKI & VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 55-56).

Então, os zumbis nos condenam a engolir a *outridade* de qualquer forma? Eu acredito que há uma saída. A partir do lançamento do videogame *The Last of Us*, em 2013, pudemos entrar em contato com a possibilidade de uma nova forma de contágio zumbi: os fungos, que para Anna Tsing (2015), são espécies companheiras. Além dessa obra, que foi adaptada como série de televisão em 2023, em 2016 tivemos o lançamento do filme britânico *The Girl with all the Gifts*. Nele, os zumbis, chamados de *hungries*, têm o cérebro entrelaçado com um fungo, assim como no videogame e na série *The Last of Us*.

Nas duas obras, temos uma espécie de “segunda geração” de zumbis: Melanie e Ellie são nascidas de gestantes infectada com o fungo e isso faz com que essas duas *final girls* – ou *first girls*? – entrem em harmonia com o fungo, mantendo sua agência e consciência. Podemos pensar em *simbiose*? E em *simbiogênese*?

É possível que a sobrevivência humana no pós-apocalipse zumbi dependa exclusivamente de a humanidade parar de encontrar inimigos e aprender a pensar mesmo com elementos que consideramos sem consciência? É possível que a sobrevivência da humanidade dependa dela mesma abrir mão de sua humanidade pura, racional e objetiva, como ela vem sendo significada desde que decidimos nos dividir e classificar? “A sobrevivência”, escreve Anna Tsing (2022), “sempre envolve alteridade”.

Meu convite a vocês é que possam assumir tudo que nos rodeia, tudo que faz parte desse ecossistema chamado corpo-humano e desse outro maior chamado planeta Terra como parceiro, coautor, companheiro e não como objeto ou inimigo. Que lembrem que foi a lógica da exploração e expropriação que nos trouxe até aqui e que ela deve ser abandonada se pretendemos criar uma outra realidade de cooperação. Não pensem com a Ciência com “c” maiúsculo, ela não nos interessa ou nos beneficia. Aventurem-se nas infinitas possibilidades de existência e no sonho de um mundo totalmente simbiótico.



*Stefany Sohn Stettler é filósofa, bacharela e licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Sua pesquisa se concentra no estudo dos zumbis no cinema e suas conexões com temas como a crise climática, o Antropoceno, a crítica ao pensamento moderno e o colonialismo. Stefany é autora publicada pela editora N-1, com artigos e contos que exploram o tema dos zumbis, promovendo diálogos interdisciplinares entre a filosofia, o cinema e as questões sociais contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **A Linguagem e a morte**: um seminário sobre o lugar da negatividade. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BISHOP, Kyle. Raising the Dead: Unearthing the Non-Literary Origins of Zombie Cinema. **Journal of Popular Film and Television**, v. 33, n. 4, p. 196-205, 2006.
- BLOOD Quantum**. Dirigido por Jeff Barnaby. Canadá: Prospector Films, 2019 (96 min.)
- BOHMAN, Erik. Zombie Media. In: COMENTALE, E. P.; JAFFE, A. (Eds.). **The Year's Work at the Zombie Research Center**. Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 150-192.
- BOON, Kevin. The Zombie as Other: Mortality and the Monstrous in the Post-Nuclear Age. In: CHRISTIE, D.; LAURO, S. J. (Eds.). **Better off dead**: The Evolution of the Zombie as a Post-Human. Nova Iorque: Fordham University Press, 2011. p. 50-60.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Trad. Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- COHEN, Jeffrey Jerome. Undead: A Zombie Oriented Ontology. **Journal of the Fantastic in the Arts**, v. 23, n. 3, p. 393-412, 2012.
- COMENTALE, Edward P.; JAFFE, Aaron. Introduction: The Zombie Research Center FAQ. In: COMENTALE, E. P.; JAFFE, A. (Eds.). **The Year's Work at the Zombie Research Center**. Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 01-58.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro: Cultura e Barbárie, 2017.
- DEMPSTER, Beth. Sympoietic and autopoietic systems: A new distinction for self-organizing systems. Toronto: **Proceedings of the World Congress of the Systems Sciences and ISSS**, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- GIRL With All the Gifts, The**. Dirigido por Colm McCarthy. Grã-Bretanha: Warner Bros. Pictures, 2016 (111 min.)
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 07-41, 1995.
- HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble**: Making Kin in the Chthulucene. Durham, Londres: Duke University Press, 2016.
- LAND of the Dead**. Dirigido por George A. Romero. Estados Unidos: Atmosphere Entertainment MM, 2005 (97min.)
- LAST of Us, The** [jogo eletrônico]. Desenvolvido por Naughty Boy. Estados Unidos: Sony Computer Entertainment, 2013.
- LAST of Us, The** [seriado]. Produzido por Neil Druckmann e Craig Mazin. Estados Unidos: HBO, 2023.
- LATOUR, Bruno. Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. In: **Pandemia Crítica**. São Paulo: N-1, 2020a. Disponível em: <https://www.n-ledicoes.org/textos/28>. Acesso em: 06 fev. 2023.
- LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Trad. Maryalua Meyer. São Paulo, Rio de Janeiro: Ubu, Ateliê de Humanidades, 2020b.
- LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Trad. Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020c.
- LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert (Orgs.). **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- MARGULIS, Lynn. **The Symbiotic Planet**: a new look on evolution. Londres: Phoenix Books, 1999.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco. **Autopoiesis and Cognition**: the Realization of the Living. EUA: Springer, 1980.
- SANTOS, Milton. Entrevista a José Corrêa Leite. **Teoria e Debate**, edição 40 – Para onde vai o país? Para onde vai o PT?, 1999. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1999/02/06/milton-santos/>. Acesso em: 28 mai. 2023.
- STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Trad. Jamille Pinheiro Dias. **Chão de Feira, Caderno de Leituras**, n. 62, 2017. 15p.
- TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Revista Ilha**, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.
- TSING, Anna. **O cogumelo no fim do mundo**. Trad. Jorgge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: N-1 Edições, 2022.
- WORLD War Z** (Guerra Mundial Z). Dirigido por Marc Forster. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2013 (116 min.)



CONHECIMENTOS QUE VOCÊ
PRECISA PARA RECONSTRUIR
O MUNDO

PÓS- APOCALIPSE ZUMBI



ORGANIZAÇÃO:
ROBERTO DALMO OLIVEIRA
EVERTON BEDIN
PATRÍCIA BARBOSA PEREIRA
IVANILDA HIGA
GABRIELA FERREIRA
AMANDA RIBEIRO DA ROCHA

UM PROJETO DE PARCERIA: PRP-PIBID/QUÍMICA, PRP/BIOLOGIA E
PIBID/FÍSICA

CONHECIMENTOS QUE VOCÊ
PRECISA PARA RECONSTRUIR
O MUNDO

**PÓS-
APOCALIPSE
ZUMBI**



Conhecimentos que você precisa para reconstruir o mundo Pós-Apocalipse Zumbi

Organizadores(as): Roberto Dalmo Oliveira, Everton Bedin, Patrícia Pereira,
Ivanilda Higa, Gabriela Ferreira, Amanda Ribeiro da Rocha.

Diagramação: Gabriela Ferreira

Revisão Ortográfica: Camila Novak

Ilustração: Amanda Ribeiro da Rocha

Universidade Federal do Paraná

Reitor

Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Prof.^a Dr.^a Graciela Bolzón de Muniz

Pró-reitora de Graduação e Educação Profissional

Prof.^a Dr.^a Julio Gomes

Coordenador de Atividades Formativas e Estágio

Prof. Dr. Leonir Lorenzetti

Coordenadora institucional Residência Pedagógica

Prof.^a Dr.^a Fernanda Silva Veloso

Coordenadora institucional PIBID

Prof.^a Dr.^a Joanez Aparecida Aires

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Conhecimentos que você precisa para reconstruir o
mundo pós-apocalipse zumbi [livro eletrônico] /
organização Roberto Dalmo Oliveira...[et al.].
-- São Paulo : Livraria da Física, 2023.
Pub

Outros organizadores: Everton Bedin, Patrícia
Barbosa Pereira, Ivanilda Higa, Gabriela Ferreira,
Amanda Ribeiro da Rocha.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5563-387-0

1. Alimentos - Produção 2. COVID-19 - Pandemia
3. Filosofia 4. Globalização 5. Sustentabilidade
6. Totalitarismo I. Oliveira, Roberto Dalmo.
II. Bedin, Everton. III. Pereira, Patrícia Barbosa.
IV. Higa, Ivanilda. V. Ferreira, Gabriela. VI. Rocha,
Amanda Ribeiro da.

23-176959

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Livro elaborado com finalidade didática.

Proibida a sua comercialização.